



## **O ESTUDO DE CASO, A OBSERVAÇÃO E A ENTREVISTA NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO**

Eliane Loschi da Silva e Flávia Magela Rezende Ferreira

*Universidade Federal de Lavras – UFLA / [mpe@ded.ufla.br](mailto:mpe@ded.ufla.br)*

### **Resumo**

O artigo apresenta uma revisão bibliográfica realizada na aprendizagem significativa sobre pesquisa em educação. Assim busca examinar na literatura sobre o tema aspectos fundamentais para a discussão. A base teórica abordada neste estudo recai nas posições de Roberto Bogdan, Sari Biklen, Alda Judith-Mazzotti, Bernadete Gatti dentre outros. Tem o objetivo de apresentar os usos e possibilidades da pesquisa qualitativa, com foco no estudo de caso, na entrevista e na observação. A preocupação é recorrente às discussões sobre os métodos de pesquisa em educação que preenchem os principais espaços de produção e investigação científica, discutindo não somente sua importância, mas também suas contribuições nos estudos que envolvem o ambiente educacional.

**Palavras-chave:** pesquisa qualitativa, metodologia de pesquisa, métodos de pesquisa.

### **Introdução**

As discussões sobre os métodos de pesquisa em educação preenchem os principais espaços de produção e investigação científica. Qual o método mais adequado à determinada pesquisa, como aplicar as ferramentas de investigação, que perspectivas usar: quantitativa ou qualitativa. Essas são algumas questões que constantemente estão presentes no ambiente da produção científica em educação.

O presente artigo tem por objetivo apresentar os usos e possibilidades da pesquisa qualitativa, com foco no estudo de caso, na observação e na entrevista para investigações voltadas à educação. Como pano de fundo da discussão serão apresentadas suas principais características.

Para tanto, utilizaremos levantamentos bibliográficos de alguns autores que tratam dessas perspectivas de pesquisa, para que ao final deste estudo possamos elaborar uma reflexão sobre a possibilidade de pesquisa em educação. Para isso, nosso caminho será a revisão de literatura de autores como Bogdan e Biklen (1994), Vianna (2003), André (2007), Alves-Mazzotti (2006), Gatti (2001, 2004), dentre outros.

### **1.O nascimento da pesquisa qualitativa**



# IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

As pesquisas qualitativas sempre estiveram presentes na educação, embora alguns métodos só fossem reconhecidos tardiamente. Bogdan e Biklen (1994) elucidam que a pesquisa qualitativa educacional tem longa e rica tradição, apesar do reconhecimento apenas por volta dos anos 60. Muitas vezes a metodologia empregada pelos pesquisadores na área das ciências humanas era vista como semelhante à investigação jornalística, e teve seu início com levantamentos sociais da época, no começo do século XX.

Porém, com o advento do jornalismo sensacionalista, com a narrativa dramática, ficou mais evidente essa comparação e também o motivo de se tratar com rigor científico a vertente social/educacional. Não há dúvidas que os levantamentos jornalísticos contribuíram para o início das pesquisas sociais, e também em educação, mas suas finalidades eram diferentes. Jornalistas tornavam os dados recolhidos em literatura, em histórias para serem vendidas, enquanto os pesquisadores tinham o objetivo de levantar dados para construir conhecimento e conseqüentemente propor mudanças.

Algumas ciências como a antropologia e a sociologia, contribuíram para a revelação de que o objeto de estudo, no caso o ser humano e suas relações, trazia alguns problemas quando eram observados à luz da investigação científica. Podia-se inferir dali subjetividades, diferentes resultados de acordo com as relações entre pesquisador e pesquisados, por exemplo. Daí surgiu a necessidade de se estabelecer métodos, regras para que as pesquisas qualitativas fossem consideradas de cunho profissional.

Essa profissionalização teve seu início com o antropólogo Bronislaw Malinowski que foi passar um período em uma aldeia, para observar seu funcionamento e a relação dos nativos, em Nova Guiné. A previsão de tempo em que o cientista passaria na aldeia se excedeu, por causa da eclosão da Primeira Guerra Mundial e ele pode observar de um modo mais particular, mais aprofundado os nativos. Além de seu estudo, Malinowski descreveu com grande detalhe o que foi observado e os métodos que utilizou, dando início a etnografia.

Ele se preocupou em descrever o ponto de vista do nativo e não só as observações comuns. Malinowski era um estranho, um homem de outra sociedade investigando uma cultura fora do seu ambiente. Outro pilar da pesquisa qualitativa foi, sem dúvida, a Escola de Chicago que era formada por pesquisadores, com funções discentes e docentes do departamento de Sociologia, da Universidade de Chicago. De acordo com Boni e Quaresma (2005) a Escola de Chicago,



# IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

Distinguiu-se pela produção de conhecimentos úteis para a solução de problemas sociais concretos, os quais, a cidade de Chicago enfrentava(...). Foi ela também que além de fazer uso de pesquisas quantitativas, atuou para o desenvolvimento das pesquisas qualitativas na Sociologia, ou seja, começou-se a pesquisar com a utilização científica de documentos pessoais, como por exemplo, cartas e diários, com a exploração de diversas fontes documentárias e com o desenvolvimento do trabalho de campo nas cidades urbanas. (p. 69)

Apesar de algumas divergências, os pesquisadores dessa Escola partilhavam que o estudo de caso era a melhor forma de investigar sujeitos ou grupos. E novamente a literatura jornalística e a pesquisa científica se misturam, pois Robert Park, por volta de 1916, um dos grandes nomes da Escola de Chicago, havia sido jornalista. Segundo os mesmos autores. Park enviava seus alunos da pós-graduação para as ruas para observarem o que passava, para que assim eles apreendessem além do indivíduo, que entendessem o todo. A vida cotidiana constituía o pano de fundo e os pesquisadores iam a campo, atrás de seus objetos de pesquisa.

Desde o século passado, a pesquisa em educação muito evoluiu nos métodos qualitativos, surgindo inclusive na década de 90, revistas especializadas nesse tipo de estudo. Em termos técnicos, os equipamentos como câmeras, gravadores, microfones, facilitaram os estudos e as análises, ficando mais acessíveis. A informática também contribuiu para o avanço nesse conceito de pesquisa, com editores de texto que auxiliam os pesquisadores a organizarem entrevistas e muitos dados são tratados em programas específicos.

## 2. Como pesquisar?

Primeiramente temos que considerar que o método escolhido deve se adequar à pergunta de uma determinada pesquisa, e não o contrário. A delimitação do objeto de estudo é que fornece subsídios para que a metodologia seja escolhida. Segundo Bernadete Gatti,

A pesquisa não pode estar a serviço de solucionar pequenos impasses do dia-a-dia, porque ela, por sua natureza e processo de construção parece não se prestar a isso, vez que o tempo de investigação científica, em geral, não se coaduna com as necessidades de decisões mais rápidas. E continua "a busca da pergunta adequada, da questão que não tem resposta evidente é que constitui o ponto de origem de uma investigação científica". (GATTI, 2001, p. 71)

No contexto educacional, houve uma mudança no contexto da produção científica nos últimos anos no Brasil. Antes se privilegiava os estudos em situação de experimentação, do tipo laboratório, na década de 60-70. A partir dos anos 80, as situações consideradas reais, de dentro da escola passaram a ser descritas, segundo Marli André,



# IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

Se o papel do pesquisador era sobremaneira o de um sujeito de "fora", nos últimos anos têm havido uma grande valorização do olhar "de dentro", fazendo surgir muitos trabalhos em que se analisa a experiência do próprio pesquisador ou em que o pesquisador desenvolve a pesquisa em colaboração com os participantes. (ANDRÉ, 2007, p. 122)

E é a partir da escolha do problema, de seu *locus* e dos participantes, que o investigador poderá debruçar sobre quais métodos irá utilizar. E segundo Chizzotti (2014) para quem inicia uma pesquisa a pergunta deve ser 'qual o problema a ser estudado?' (p. 25)

Mas como investigar situações em que os pesquisadores estão envolvidos no contexto, como é o caso dos professores que pesquisam seus próprios ambientes profissionais? Quais os métodos mais adequados para a escola?

Não temos todas as respostas para as perguntas acima, mas discutiremos a seguir alguns caminhos a serem trilhados. O estudo de caso será focado como método e a observação e a entrevista como técnica de coleta de dados em pesquisas que podem ser realizadas no ambiente escolar.

### 3. O estudo de caso

Segundo Alves-Mazzotti (2006), os estudos de caso se caracterizam inicialmente por adotarem diferentes metodologias e serem utilizados não apenas como modalidade de investigação, mas também como ensino e consultoria. Os estudos de caso mais utilizados são os que enfocam um indivíduo, um pequeno grupo, uma instituição, um programa ou um evento. Podendo ser também múltiplos: vários indivíduos, várias instituições etc.

Como avaliar se uma pesquisa se caracteriza como estudo de caso? O estudo de caso como estratégia de pesquisa define-se exatamente por investigar casos individuais. Mas deve-se atentar de que nem toda pesquisa pode ser considerada um caso. Assim, o autor propõe algumas pistas para o reconhecimento do que pode ser um caso "um caso é uma investigação que focaliza um fenômeno original, tratando-o como um sistema delimitado cujas partes são integradas" (STAKE, 2000, p.641).

O mesmo autor caracteriza três tipos de estudo de caso partindo de seus objetivos: intrínseco, instrumental e coletivo. No estudo de caso intrínseco procura-se um melhor entendimento de um caso pelo interesse despertado por um caso específico.



# IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

Aqui, o estudo não é empreendido primariamente porque o caso representa outros ou porque ilustra um traço ou problema particular, mas porque, em todas as suas particularidades e no que tem de comum, este caso é de interesse em si. O pesquisador, pelo menos temporariamente, subordina outras curiosidades para que as histórias dos que "vivem o caso" emerjam. O objetivo não é vir a entender algum constructo abstrato ou fenômeno genérico, tal como letramento, ou uso de droga por adolescentes ou o que um diretor de escola faz. O objetivo não é construir teoria - embora em outras vezes pesquisador possa fazer exatamente isto (STAKE, 2000, p.437, tradução nossa).

De acordo com Alves-Mazzotti (2006) no estudo de caso instrumental, o empenho deve-se à crença que ele ajudará no entendimento de um estudo mais abrangente, podendo ajudar a promover ideias sobre o tema ou para contradizer uma conclusão completamente aceita.

Já no estudo de caso coletivo ele analisa alguns casos para pesquisar certo acontecimento. Os casos individuais abrangidos no grupo pesquisado podem ou não ser escolhidos por revelar alguma característica comum. É reconhecido nesses estudos de caso, um melhor entendimento sobre um conjunto ainda maior de casos.

Assim, o autor conclui que os estudos de caso instrumentais coletivos ou não, tendem facilitar ou contradizer uma conclusão completamente aceita. No entanto, os estudos de caso intrínsecos, não se importam com isso. Stake (2000) considera que o essencial é aprimorar o entendimento do caso ao contrário de privilegiar a generalização além do caso.

Entende que os investigadores de caso procuram o que é comum e o que é particular em cada caso, mas o resultado final mostra na maioria das vezes algo original com relação aos seguintes aspectos: a natureza do caso, o histórico do caso, o contexto (físico, econômico, político, legal, estético etc.), outros casos pelos quais é reconhecido e os informantes pelos quais pode ser reconhecido.

Realça um último aspecto para a caracterização do estudo de caso relacionado a esse tipo de pesquisa. O autor mostra que o estudo de caso é organizado com um pequeno número de questões. Explica que nessa investigação prevalecem temas difíceis de solucionar.

Yin (1984) também destaca a importância das questões propostas para caracterizar os estudos de caso de outras formas de pesquisa. Declara que o recurso utilizado quando questões do estudo reportam-se ao como e ao por que; quando o pesquisador tem pouco controle sobre os fatos; quando o objetivo é um acontecimento atual em um ambiente natural.

Conforme Alves-Mazzotti (2006), confrontando os dois autores sobre as características dos estudos de caso, notamos uma analogia no que se referem às questões dessa modalidade, questões



sobre o como e o porquê dizem a respeito das relações difíceis de solucionar, as quais o pesquisador tem pouco controle situadas em um contexto.

Yin define o estudo de caso como:

(...) uma pesquisa empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em seu contexto natural, em situações em que as fronteiras entre o contexto e o fenômeno não são claramente evidentes, utilizando múltiplas fontes de evidência (1984, p.23, tradução nossa).

Ao esclarecer o objeto do estudo de caso como um acontecimento atual, o autor procura diferenciá-los dos estudos históricos, nos quais o desenvolvimento temporal é o objetivo principal. Isso não quer dizer que os estudos de caso não recorram a fenômenos passados para entender o presente.

Descreve três circunstâncias nas quais o estudo de caso é apontado. A primeira acontece quando o caso em estudo é crítico para experimentar uma hipótese ou teoria anteriormente determinada. A segunda circunstância que fundamenta a escolha por um estudo de caso é por ele ser extremo ou único. Devido a algumas situações serem atraentes e excessivamente raras comprovam a análise intrínseca de qualquer caso em que acontecem tais modelos de comportamento. A terceira exposta pelo autor é o caso revelador, que acontece quando o investigador se aproxima do fato até então inatingível à pesquisa científica.

Yin (1984) também enfatiza que os estudos de caso são utilizados também como etapas exploratórias na investigação de fatos pouco pesquisados o qual necessite de um estudo minucioso que direcione a estudos futuros.

Mazzotti (2006) afirma que numa investigação quando "surge o desejo de compreender fenômenos mais complexos" e esta "retém as características significativas e holísticas de eventos da vida real" é uma investigação que se caracteriza como estudo de caso.

Considera importante a um estudo de caso as seguintes características:

- "O caso deve ser completo", ou seja, diferenciar o fato em estudo de seu contexto; para reunir as verificações importantes à exposição dos fatos mostra que houve uma dedicação esgotante; e o estudo é planejado de forma que sua conclusão não é determinada por limites de tempo ou de recursos.
- "O caso deve considerar perspectivas ou hipóteses alternativas". O investigador deve procurar esclarecimentos antagonistas daqueles usados no estudo e investigar as evidências de acordo com essas evidências.



- "As evidências devem ser suficientemente poderosas para sustentar as conclusões e ganhar a confiança do leitor quanto à seriedade do trabalho realizado".
- "O relato do estudo deve ser atraente". Ou seja, deve ser registrado de forma que o leitor se sinta atraído pela leitura da narrativa até o fim.

Certos de que os estudos de caso possuem pouca ênfase para generalização um conceito antecipado que delimitam esta investigação. Para ele, tirar conclusões partindo de um único caso é impossível, assim como é impossível tirar conclusões de um único experimento.

Para Alves-Mazzotti, (2006) como os experimentos, "os estudos de caso, portanto, não representam amostras cujos resultados seriam generalizáveis para uma população (generalização estatística)" (p. 646), o pesquisador não procura casos que signifiquem uma população para qual desejam uma conclusão geral para os resultados, mas partindo de um grupo específico de resultados, ele pode ocasionar propostas teóricas aplicadas a outros contextos. Yin (1984) chama isto de "generalização analítica".

No entanto, Stake (2000) toma para si um lugar diferente em relação à generalização. Julga o fato de que estudos dessa natureza mesmo sendo qualitativos, como aponta Yin, limitam-se ao estudo do particular, como se o estudo próprio de um fato não fosse necessário como os estudos para adquirir conclusões gerais referentes ao grande número de fatos. Dessa forma, de acordo com o autor, essa visão considera três tipos de estudos de caso: os característicos de outros casos; os exploratórios, que direcionam a estudos futuros; ou os que caracterizam uma iniciativa na construção de uma teoria.

Já os estudos de caso instrumental, faz com que os pesquisadores pontuem de que forma suas inquietações se relacionam ao tema focado no caso pesquisado. Sabendo que nessa situação as questões críticas são prioridade, essa modalidade pode ser mais eficaz, pois conta com meios antes compreendidos.

Portanto, Stake (2000) concorda que, mesmo no estudo de caso intrínseco, os pesquisadores não esquivam a generalização, constantemente precipitando fatos previstos em seus casos.

#### **4. A Observação**

A observação é um ato normal e comum a todos. Observamos atos, paisagens, pessoas e daí abstraímos muito daquilo que sabemos. O ato de observar, tão comum a todos pode ser também um



# IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

método de coleta de dados científico. Mas como uma ação tão banal pode se transformar em parte de uma pesquisa, de um artigo? Tal técnica será descrita a seguir, e muitas vezes são a única que pode contribuir para estudos de comportamentos e de situações complexas. Observar, para fins científicos, significa muito mais que ver e ouvir, consiste em apreender além do que é dito, examinar nas entrelinhas da fala, do comportamento e até em momentos em que o sujeito não diz nada, mas seus atos falam por ele.

Uma ação simples, mas que requer cuidados ao ser feita. Assim a observação como método de coleta de dados, sobretudo na escola, poderá ser feita pelo próprio professor ou mesmo por um observador de fora. O grau de influência do observador tem que ser levado em consideração, pois sua presença pode modificar o contexto ou mesmo a situação a ser observada. (VIANNA, 2003). Pode-se introduzir o observador algumas vezes em sala de aula, para que a turma e o professor se acostumem, mas mesmo assim a influência da presença do observador afetará o ambiente.

Os procedimentos de observação são geralmente classificados ao longo de cinco dimensões, como enumera Vianna (2003, p.17):

- Observação sistemática X observação não-sistemática: Deve obedecer a um padrão ou deve ser realizada sem rigidez nos processos;
- Observação *in natura* X observações artificiais (laboratório): O *locus* deve ser natural ou as situações devem ser conduzidas para serem observadas;
- Observação oculta X observação aberta: Acontecem em relação ao estudado, se ele sabe ou não que está sendo observado. O observador pode estar visível ou oculto;
- Observação não-participante X observação participante: Quando o pesquisador não participa do grupo em que pretende estudar, não sendo integrado, analisando e recolhendo os dados imparcialmente ao que acontece. Já quando o pesquisador faz parte do grupo, alguns comportamentos, situações podem passar despercebidas, pois seu olhar já está familiarizado;
- Auto-observação X observação de outros.

Segundo o mesmo autor, a observação poderá ser estruturada ou semi-estruturada. A observação totalmente estruturada acontece em laboratório, onde normalmente todas as ações são controladas. As observações em campo são geralmente semi-estruturadas e contam com *check-list*, e desse modo o pesquisador sabe exatamente o que vai observar no grupo, os aspectos mais



significativos, traçando um planejamento para coleta e registro das observações. (VIANNA, 2003). Com essa padronização da observação, pode-se comparar vários relatos, de diferentes pesquisadores. Porém segundo Bailey (apud VIANNA, 2003, p.22) para que haja a comparação “é imprescindível que esses grupos sejam idênticos em todos os seus atributos, na medida do possível”.

A observação não-estruturada é usada como técnica exploratória, em que

o observador tenta restringir o campo de suas observações para, mais tarde, delimitar suas atividades, modificando, às vezes, os seus objetivos iniciais, ou determinando com mais segurança e precisão o conteúdo das suas observações e proceder às mudanças que se fizerem necessárias no planejamento inicial. (SELLTIZ apud VIANNA, 2003, p. 27)

O pesquisador muitas vezes apresenta sua marca, suas impressões nas suas observações, introduzindo, dessa forma, erros sistemáticos nos seus dados, com efeitos, muitas vezes desastrosos, para sua pesquisa. Um desses efeitos que, aliás, ocorre com bastante frequência, é o efeito de *halo*<sup>1</sup>, que envolve transferência de impressões generalizadas sobre a característica ou situação de uma pessoa para outras, gerando interpretações pouco confiáveis.

## 5. Entrevista

Entrevistar é o encontro entre pessoas, com finalidade de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, uma conversa de natureza profissional. O objetivo da entrevista é coletar informações que não podem ser apreendidas somente por observação ou questionários. A entrevista é definida por Haguette (1997, apud BONI; QUARESMA, 2005, p.72) como um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”. Com a entrevista, o pesquisador visa obter informações subjetivas, pois dessa forma o entrevistado expõe seus valores, atitudes, crenças, que em outros tipos de coleta de dados, como na observação, seria mais difícil ou até impossível.

A preparação para entrevista constitui um dos mais importantes passos para esse tipo de método. Um pesquisador tem que refletir sobre o que quer saber, como fará as perguntas, quem será o entrevistado, como conduzirá os questionamentos, antes do encontro com o entrevistado. O

<sup>1</sup> Viés no julgamento de traços específicos em virtude da tendência do julgador ser influenciado pela impressão geral (positiva ou negativa) que forma da pessoa julgada. (VIANNA, 2003, nota de rodapé, p. 28)



# IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

pesquisador também tem que ter em mente que a entrevista pode não acontecer da forma planejada, sendo necessário saber contornar possíveis problemas como falta de interação do entrevistado, falta de empatia entre os envolvidos e até recusa em responder algum tipo de questionamento.

De acordo com Boni e Quaresma (2005, p. 73), as formas de entrevistas mais utilizadas “são a entrevista estruturada, semi-estruturada, aberta, entrevistas com grupos focais, história de vida e também a entrevista projetiva.” A entrevista estruturada é aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido, que não se foge às perguntas pré-determinadas. O principal motivo é a possibilidade de comparação com o mesmo conjunto de perguntas em outro grupo de entrevistados. Na entrevista semi-estruturada, o entrevistado tem liberdade para desenvolver o tema proposto. Nesse tipo de entrevista, a condução é semelhante a um bate-papo. Nessa situação o pesquisador deve combinar perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema. Na entrevista aberta o entrevistador lança um tema e os entrevistados discorrem sobre ele, com liberdade. Pode ser interessante quando se quer ouvir os alunos de uma escola sobre determinado assunto e as perguntas vão surgindo dentro de uma conversa informal, com interrupções mínimas do entrevistador.

A entrevista com grupos focais tem como objetivo principal estimular os participantes a debater um assunto de interesse comum, que seja relevante para todos. As questões que afetem o cotidiano escolar, por exemplo, podem ser discutidas num grupo focal de professores. A discussão em grupo se faz em reuniões com um pequeno número de informantes, ou seja, de 6 a 8 participantes, segundo Bonni e Quaresma (2006). O entrevistador participa apenas como um moderador.

A História de Vida tem como objetivo permitir que o entrevistado conte sua trajetória de forma retrospectiva. É um tipo de entrevista que pretende examinar profundamente sujeitos, grupos, instituições, e requer que o pesquisador interaja com o entrevistado algumas vezes. Dessa forma mais próxima, o pesquisador consegue ficar mais próximo e pode obter revelações interessantes que seriam impossíveis em uma única abordagem.

Por fim, a entrevista projetiva é aquela que tem como principal característica a utilização de recursos visuais, como fotos, vídeos, etc. O entrevistado discorre sobre esses itens e o pesquisador tem a possibilidade de investigar sobre determinados locais, pessoas, de uma forma indireta.



# IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

## Considerações Finais

Na reflexão realizada, de acordo com a fundamentação teórica apresentada, destacou-se como principais discussões acerca do processo de pesquisa em educação a investigação qualitativa que permite um processo de investigação que se preocupa com assuntos particulares, que não pode ser quantificado.

Preocupou-se em fazer uma investigação teórico-metodológico sobre a abordagem de pesquisa qualitativa, o qual estuda o fenômeno em seu ambiente natural e investiga o problema em seu processo. O que interessa ao pesquisador qualitativo é o contato direto e constante com o cotidiano dos sujeitos investigados, pois eles sofrem influências do contexto.

Assim a abordagem qualitativa proporcionará subsídios necessários para que a educação em meio a sua complexidade seja investigada com toda seriedade científica, proporcionando uma real relação entre teoria e prática, oferecendo ferramentas eficazes para a interpretação das questões educacionais.

Durante esse artigo, procurou-se elucidar algumas técnicas, métodos de coletas e tipos de pesquisa que podem ser utilizados em educação. Mas o mais importante que escolher a metodologia, deve ser a definição do problema/objeto de pesquisa, pois sem uma clara delimitação do que se quer pesquisar, não há sucesso nos caminhos a serem trilhados.

## Referências Bibliográficas

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. **Usos e abusos dos estudos de caso.** *Cadernos de pesquisa*, Rio de Janeiro, v. 36, n.º 129, setembro/dezembro, 2006, p. 637-651.

ANDRÉ, Marli. **Questões sobre os fins e sobre os métodos de Pesquisa em Educação.** *Revista Eletrônica de Educação de São Carlos*, SP: UFSCAR, v.1, n.º 1, setembro, 2007, p.119-131.

BOGDAN, R. C. e BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação.** Portugal: Porto Editora, 1994.



# IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

BONI, Valdete. QUARESMA, Silvia Jurema Quaresma. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais.** *Em Tese*, Vol. 2 n.º 1 (3), janeiro/julho, 2005, p. 68-80.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 11.ed. São Paulo: Cortez, 2014. 164 p.

GATTI, B. A. - **Implicações e Perspectivas da Pesquisa Educacional no Brasil Contemporâneo.** Cadernos de Pesquisa, n. 113, 2001, p. 65-80.

GATTI, Bernadete A. Estudos quantitativos em educação. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n.º 1, janeiro/abril 2004, p. 11-30

MARTINS, R. X. **Reflexões sobre a produção do conhecimento e a pesquisa em educação.** Metodologia de pesquisa: guia de estudos – Lavras: UFLA, 2013, p.8-21.

STAKE. R. E. **Case studies.** In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (ed.) Handbook of qualitative research. London: Sage, 2000. p. 435-454.

VIANNA, Heraldo M. **Pesquisa em Educação: a observação.** Brasília: Plano Editora, 2003.

YIN, R. K. **Case study research: design and methods.** London: Sage, 1984.